

# humanitas



Vol. LXII  
2010

A frota desce a costa tirrénica cristã então defendida pelas potências navais de Génova e Pisa, prosseguindo ao largo – a distância prudente - da linha costeira siciliana e da normanda Palermo, palco de vários anos de lutas intestinas pelo poder antes da chegada de Frederico II; o corpo cruzado assim constituído aproxima-se da Grécia e da Ilha de Creta e dirige-se até ao porto de São João de Acre. Continuará então, a partir daqui, por via terrestre. Esta mistura de povos, culturas de diferentes origens geográficas constituem elementos de uma primeira e um tanto insólita abordagem ao mundo moderno, com correspondência encontrada entre diferentes cultos e ideais, à legitimação de vontades individuais por vezes exacerbadamente materialistas. Uma militância do bem terreno por meio da razão espiritual, como é afirmado pela humilde voz de um teutónico cruzado anónimo, reflecte a visão própria de um homem culto dos finais do século XII.

Embora não constituindo uma novidade, esta reedição não deixa de contribuir para um melhor conhecimento da história medieval portuguesa e europeia, realçando a importância da passagem das frotas cruzadas na consolidação da monarquia portuguesa, colocando à disposição dos investigadores ou simples curiosos do passado um texto nem sempre fácil de consultar.

ALESSIA AMATO (Doutoranda da Universidade de Coimbra)

CASTRO, Inês de Ornellas e Anastácio, Vanda (coords), *Revisitar os saberes. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2010.

Seguindo uma louvável tendência que se vem acentuando na investigação humanística, o Centro de Estudos Clássicos (sediado na Faculdade de Letras de Lisboa) promoveu um Encontro multidisciplinar sobre a presença dos saberes da Antiguidade no pensamento e nas práticas culturais e científicas. Do referido Encontro (que teve lugar em Junho de 2009) resultou agora um conjunto seleccionado de estudos que acaba de vir a público, sob a égide daquela Unidade de Investigação. Na sua amplitude temática, os 16 ensaios que integram o livro oferecem ao leitor um conspecto bem ilustrativo da vitalidade de que a cultura clássica desfrutou entre nós ao longo dos séculos XVI e XVII, congregando uma multiplicidade de saberes que, como bem sabemos, nos nossos dias, não costumam figurar em regime de parceria.

1. Como seria de esperar, não falta matéria susceptível de captar o interesse do leitor mais inclinado aos assuntos humanistas. Não falta, desde logo, uma reflexão sobre o papel unificador do Latim. Que a língua do Lácio foi, durante séculos, língua base da cultura europeia, não há a menor dúvida; mas também é certo que o Latim foi a língua franca da ciência moderna. Ora, partindo desta última asserção, Raquel Balola prova que ela está na base de uma circunstância decisiva para a constituição do pensamento e das práticas científicas modernas: foi graças a essa língua franca que os cientistas dos séculos XVII e XVIII puderam constituir entre si uma rede sequenciada de conhecimento, envolvendo a criação de palavras para exprimir novos conceitos e novas realidades com a certeza de que seriam compreendidos, sem ambiguidades, ou erros de interpretação. Ao mesmo tempo que o Latim constituía língua de cultura e de ciência, os primeiros gramáticos e dicionaristas do vernáculo esforçavam-se por dotar as línguas românicas de um léxico próprio, que permitisse a sua aplicação ao mundo prático, seja na Agronomia ou nas ciências médico-botânicas. É esse o sentido do estudo de Ana María Tarrio, em torno da tradução de um tratado sobre a vida rústica (*De Re Rustica*, de Lúcio Júnio Columela), empreendida pelo humanista aveirense Fernando Oliveira, com propósitos práticos bem vincados, que se reflectem na fuga aos cultismos e na opção por vocábulos que se revelassem mais familiares aos leitores.

No plano propriamente literário, o estudo assinado por Isabel Almeida traz à colacção o caso do Padre António Vieira para sublinhar o alcance fundante de uma opção: de facto, embora tivesse beneficiado do contacto com cenários naturais diversificados, Vieira escolhe a Biblioteca (clássica e teológica) como fonte inspiradora, em detrimento da Natureza; no mesmo sentido, Pedro Braga Falcão demonstra, com clareza, a utilização, para fins cómicos, do texto clássico (em particular da quarta *Geórgica*, de Vergílio) nas *Variedades de Proteu*, de António José da Silva. Ainda no âmbito da cultura humanística situam-se os textos escritos por Arnaldo Espírito Santo, que, anunciando a publicação do *De Re Aedificatoria*, de Leon Battista Alberti, esclarece o conceito de concinidade (“concininitas”), destacando a sua aplicação aos domínios da Arte e da Filosofia; Lopes de Andrade, partindo dos comentários de Amato Lusitano a Dioscórides traz ao leitor aspectos desconhecidos da vida de cristão-novo daquele médico português e da sua pertença a um Humanismo cosmopolita, que é simultaneamente filológico e científico; Luís M. G. Cerqueira ocupa-se da figura do fauno, sublinhando a sua genealogia clássica e acompanhando as suas metamorfoses no domínio da literatura, da emblemática e da música.

Já o leitor directamente interessado na história do pensamento científico sentir-se-á mais atraído por estudos como aquele que percorre a presença (associada) de Hipócrates e Galeno na literatura médico-farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII (José Pedro Sousa Dias) ou o texto de Samuel Gessner, centrado no problema délico e a forma diferenciada como foi tratado na Geometria tradicional e na Matemática prática, designadamente através de um manuscrito de um jesuíta inglês (Inácio Statford), que ensinou na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, entre 1630 e 1636. Também Bernardo Machado Mota, ocupando-se da naturalística da lua nos séculos XVI e XVII, coloca em relevo a importância dos matemáticos estrangeiros que passaram pelo Colégio de Santo Antão.

2. A iniciativa do Centro de Estudos Clássicos que deu corpo a este livro não visa, porém, um público convencionalmente compartimentado e, nessa medida, pode considerar-se que uma boa percentagem dos ensaios coligidos se destina indiferenciadamente aos leitores que desejam quebrar esse tipo de confinamento. Percorrendo este volume, será sempre com proveito e, em muitos casos, com surpresa que esse leitor mais curioso se abeira não apenas dos textos já citados (qualquer deles escrito em termos de notável clareza) mas ainda de muitos outros: refiro, a título de exemplo, os que são assinados por António Groen Duarte, que revela e traduz um muito interessante texto médico do século XVI, Armando Senra Martins, que se ocupa da concepção de ciência na obra de António de Castel-Branco, jesuíta que leccionou na Universidade de Évora entre 1585 e 1588, Maria José Mendes e Sousa, que, reportando-se à edição portuguesa de 1762, acompanha a “pervivência dos Aforismos de Hipócrates” no ensino e na prática da medicina, acentuando a forte ponderação semiológica que deles deriva. Particularmente elucidativo do cruzamento de saberes e competências que à época se verificava é o estudo de Vanda Anastácio e Inês de Ornellas e Castro, em torno do *Banquete de Apolo*, um “papel da Restauração”, que, na sua surpreendente “interdisciplinaridade”, diz respeito, em simultâneo, à história da literatura e da retórica, à história da medicina e à farmacologia. O exemplo mais perfeito desta intersecção será porém, em meu juízo, o estudo de Segurado e Campos sobre a ética senequiana, provando que, para além da Literatura e da Filosofia, o seu rasto atravessa o pensamento científico moderno e continua ajustado ao nosso tempo. Essa verificação leva inclusivamente o autor a concluir o seu texto com a formulação de algumas questões, de clara actualidade, sobre o “avanço” ilimitado do conhecimento científico.

3. Quem ler continuamente os estudos que integram este volume (do qual consta ainda, a finalizar, um texto de Aires A. Nascimento, que serviu de apresentação à 2ª edição da tradução e comentário do *Antiquitatibus Lusitaniae*, de André de Resende, da autoria de Raul Rosado Fernandes), tem, desde logo, a garantia de muito lucrar, em termos de conhecimento novo. Mas as potencialidades do livro não se esgotam na informação que contém. Mais ainda do que o contributo específico trazido por cada um dos colaboradores, o que ressalta na presente obra é, de facto, a convergência inabitual de um conjunto de saberes, agora reaproximados em torno do substrato clássico. É provável que dessa reaproximação possa resultar, num primeiro momento, alguma sensação de estranheza ou mesmo uma ou outra dificuldade de leitura; vencida aquela sensação e estas dificuldades, fica-nos, contudo, a ideia de um eficaz reordenamento, do qual, afinal, em tempos de excessiva fragmentação e dissídio disciplinar, todos andamos muito necessitados.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Epístolas. I Parte*. Fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, 699 pp. [ISBN: 978-972-27-1785-4].

Com esta obra fecha-se a publicação integral das *Epístolas* de Cataldo Parísio Sículo, que tinha sido iniciada em 2005, quando veio a lume o segundo volume, da mão dos mesmos autores. O desejo de não repetir informações já dadas no segundo volume (primeiro na cronologia da edição moderna) explica certas omissões que podem causar estranheza ao leitor que começar a ler o primeiro tomo antes do segundo, como são as indicações sobre o texto que se está a editar, a biografia do humanista e as explicações sobre a inversão da ordem de publicação. Com efeito, no segundo volume os autores já tinham explicado o motivo que os levou a começar por aí, ou seja, o facto de a segunda parte integrar a maioria das cartas dirigidas a portugueses. O leitor interessado nesta excelente obra deve, pois, iniciar preferencialmente a sua consulta após a leitura do prefácio e da introdução do segundo volume.

O Prof. Américo da Costa Ramalho tem publicado uma extensa e importante obra de investigação sobre o humanista siciliano, tendo